

## **SER OU NÃO SER; EIS A QUESTÃO? ALGUMAS REFLEXÕES NAS ENCRUZILHADAS DA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES NUMA ESCOLA ESTADUAL SITUADA EM UM BAIRRO PERIFÉRICO DE SALVADOR**

*Elisângela Silva Lopes*

Relações Públicas, CONRERP 2126.  
Mestranda do Programa de Pós Graduação em  
Educação e Contemporaneidade (PPGEduC)  
da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.  
Lopes\_75hotmail.com

### **RESUMO**

As discussões que emergem deste artigo está articulada ao recorte de pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC-UNEB. O texto tem como objetivo socializar algumas reflexões a respeito do conjunto das vivências ligadas à constituição da identidade sexual dos jovens alunos (as) do 1º ano do Curso de Técnico em Gestão Logística, com faixa etária entre 15 a 17 anos pertencentes a uma Escola Estadual situada num bairro periférico da cidade de Salvador - Bahia. Abordagem metodológica consistiu na pesquisa qualitativa na pesquisa qualitativa de abordagem participante Ludke e André (1986); Brandão (2001) tendo como recurso o uso da observação participante junto ao caderno de campo e o grupo focal com as aproximações de Gatti (2005).

**Palavras Chaves:** Sexualidade; educação e contemporaneidade.

### **ABSTRACT**

The discussions that emerge this article is hinged to cut research Masters in development under the Graduate Program in Education and Contemporary / PPGEduC-UNEB. The text aims to socialize some thoughts about all the experiences related to the constitution of the sexual identity of young students (as) the 1st year of the Course Technician Logistics Management, aged between 15 and 17 years belonging to a State School located in a suburb of the city of Salvador - Bahia. Methodological approach consisted of qualitative research approaches in qualitative research participant and Andrew Ludke (1986); Brandão (2001) as having resource use participant observation field notebook with the focus group and with the approximations of Gatti (2005).

**Keywords:** Sexuality, education and contemporary

## 1.0 INTRODUÇÃO

O debate acerca das identidades sexuais, tem se mostrado, um campo urgente na prática cotidiana dos espaços educativos, religiosos e familiares. Os diversos conceitos de identidades na pós-modernidade, são experimentados nas vivências sociais dos indivíduos de maneira coletiva e individual, aliada ao consenso e ao conflito. As diferentes perspectivas espaciais: local, regional e nacional, demarcam as identidades sexuais dos sujeitos, e desse modo à mesma, apresenta o caráter móvel instituindo indagações, dúvidas e deslocamentos no território identitário.

Conforme Giddens (1991), apesar da noção de perigo, desconforto e descontrole que sinalizam o fim da modernidade, a mesma vem marcada, por uma emergência de modos de vida e identidades sufocadas pela ciência e pelas antigas instituições “A perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado” (GIDDENS, 1991, p. 09). Nesta reflexão, temos uma análise de como a sociedade foi constituída na modernidade, abastecida por uma crise da subjetividade, em que a liberdade e o respeito às diferenças alojadas no outro, são apenas ilusões.

Foucault (1987) salienta que o ordenamento social pré-estabelecido nos indivíduos na modernidade se caracteriza por um grande “mal estar”, pois, os seus corpos precisam ser controlados e as suas identidades sexuais, necessitam estar contidas. A exigência da normatividade de forças disciplinares e coercitivas que predominou o projeto moderno, não cedeu lugar para a liberdade e escolha de comportamentos; assim: “A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte. “Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem”, corpos de guarda nas portas...” (FOUCAULT, 1987; p. 162).

Os padrões burgueses instituídos a partir do século XVIII, momento histórico na polarização das representações dos gêneros masculino e feminino e das sexualidades, estabelecem uma conformação de comportamentos, atrelados ao determinismo biológico. As instituições escolares,<sup>1</sup> médicas e militares eram responsáveis pela adequação moral e autoritária dos sujeitos e dos seus corpos. Os corpos femininos são marcados pela docilidade, fragilidade e submissão enquanto os masculinos são

---

<sup>1</sup> Segundo Gondra (2000); Louro (2004) a escola foi um espaço privilegiado para a construção e controle dos corpos infantis principalmente no Brasil no século XIX, cujos temas os temas discorriam sobre o espaço escolar e as práticas de higiene.

caracterizados pelo vigor, autoridade e força. Assim, esta naturalidade imposta pautava-se na constituição de identidades sexuais modeladas por um padrão disciplinador.

O funcionamento social dos indivíduos e de suas identidades sexuais são marcados pela polarização masculino e feminino. A construção de uma modelagem representativa de identidade sexual como única e possível de ser concebida e imaginada privatiza as condutas, desejos, prazeres, imaginações e emoções individuais, impondo nos sujeitos a prática da autodissimulação e disfarce.

A crise da subjetividade impõe aos indivíduos tornarem-se inseguros de si mesmos e anulados de suas singularidades. Desse modo, as agências sociais como a escola é responsabilizada em colocá-los dentro de um ordenamento social pré-estabelecido que segundo Melo (2008) se caracteriza pelas disciplinas e técnicas científicas aplicadas nestes ambientes escolares “Aqueles corpos que não se adéquam/adaptam às ordenações arbitrárias são expostos como desviados, anormais, e transgressores.” (MELO, 2008, p.129)

Neste contexto as identidades sexuais suprimidas pelos dispositivos de controle e na garantia do bem estar social, como evidenciam Foucault (2003); Miskolci (2005) delimitam os sujeitos. Não há lugar para a alteridade e nem mesmo para as diferenças e sim para uma heterogeneidade compulsória<sup>2</sup>. A imposição de um comportamento programado e de base heterossexista que diz aos indivíduos como tem que se comportarem ou parecer, tumultua o processo de afirmação identitária deste sujeito e a construção de sua autoestima. “O processo educativo tenta restringir essas possibilidades reforçando visões hegemônicas sobre o que é ser masculino ou feminino.” (MISKOLCI, 2005, p.15).

Segundo Bourdieu (2005) as desigualdades presentes no campo escolar se caracterizam pela manutenção das relações de dominação do masculino sobre o feminino. E pela reprodução dos padrões arbitrários da heterossexualidade que determinam a feminilidade e a masculinidade operantes pelo poder simbólico. Neste sentido “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser

---

<sup>2</sup> Segundo Junqueira em uma cultura totalmente heterossexista condutas sociais individuais e coletivas e dinâmicas institucionais, formais e não formais reproduzem o tempo todo o modo não intencional e despercebido o parâmetro da heterossexualidade hegemônica como norma social e cultural. A naturalização da heterossexualidade acaba por distinguir, restringir, excluir ou preferir, com a consequente anulação ou lesão, o reconhecimento, o gozo ou exercício de direitos humanos e liberdades fundamentais de tantos quantos não se moldem ao parâmetro heterossexista. (Junqueira, 2009, p.73). A heterossexualidade compulsória é também um conceito trabalhado por Judith Butler (1999) que consiste na análise das relações de poder entre homens e mulheres e homossexualidade e heterossexualidade nas relações sociais.

exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que Ihe estão sujeitos ou mesmos que o exercem.” (BOURDIEU, 2005, p.7). Como o poder simbólico constrói a realidade e a mesma como uma representação social amplamente difundida nas instituições sociais, a escola com a sua ação pedagógica, produz e reproduz a inculcação de normas e sanções. Seja na seleção das brincadeiras nos intervalos, nas escolhas de personagens nas festas e datas cívicas ou na seleção de atividades físicas.

Na prática diária do cotidiano escolar, os valores, signos e costumes associados à feminilidade e à masculinidade são reproduzidos, construindo a imagem de que homens e mulheres pertencessem a mundos separados, porém complementares. A naturalização deste condicionante gera uma crise nos papéis sociais, interpretados por aqueles que não se adéquam a esta classificação.

Os indivíduos portadores de características físicas, orientação sexual ou comportamentos e escolhas divergentes, são estigmatizados, marcados pela violência simbólica e física. O outro que é “diferente” a esta categoria é rechaçado tendo os seus comportamentos e atitudes tomados como degradante. Dentre outras situações de controle e policiamento das identidades sexuais geradas pela escola, nota-se uma identidade calcificada pela modernidade, e indiferente aos novos paradigmas do direito a diferença.

A identidade sexual não é algo dado, mas está em constante construção e é vivenciada nas interações, onde os indivíduos circulam, estudam, negociam e se renegociam. Quem questiona sobre sua identidade está questionando o seu lugar no mundo e o lugar dos outros. Essa é uma indagação que interessa a contemporaneidade, pois, estamos tratando de uma sociedade reflexiva, marcada pelos modelos da projeção masculina ocidental.

Tratando-se de uma sociedade caracterizada pelos sinais que despontam à contemporaneidade, as percepções da identidade sexual ainda continuam marcadas por esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino. As oposições se apresentam homologas e relacionadas a outras como: forte/fraco; grande/pequeno; dominante e dominado, desencadeando uma primazia do que é bom e positivo e o que é descartável.

A divisão entre os sexos parece na ordem das coisas [...] ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado [...] em todo mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2005, p. 17)

Com essa característica marcada por Bourdieu, o corpo, o desejo, o erotismo, o sexo e o amor revelam a sexualidade de cada um, mas que é coordenada pelas sanções antigas e modernas. As práticas heterossexuais e monogâmicas consolidadas pelo matrimônio, as atitudes de masculinidade e feminilidade esperadas pela família e a escolha de brincadeiras e brinquedos coerentes ao gênero são consideradas sadias, e quanto às *outras*, devem ocupar o lugar dos desvios, e das configurações do homossexual, da histeria da deformidade.

## **2.0 As *encruzilhadas*<sup>3</sup> na configuração das identidades sexuais: os “lugares” contemporâneos de onde falamos.**

Partindo do princípio de que as identidades são elaboradas em correspondência aos diversos trânsitos discursivos da contemporaneidade as quais se configuram como “uma celebração móvel” Hall (2005, p. 13) percebe-se que esse movimento identitário está presente na dinâmica da sexualidade. Esse novo teto contemporâneo é marcado por mudanças em que as identidades estão sempre em processo de construção nas diversas fases da vida dos sujeitos como no nascimento, na adolescência e na maturidade. “As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (Louro, 1997, p. 27).

Nesta perspectiva é possível perceber que as experiências ligadas à sexualidade dos jovens são atravessadas por interações entre si e estão em constantes interpelações com os sistemas culturais que os envolvem, modulando novas formas de ser e de estar no mundo. Partindo deste pressuposto os jovens encontram na escola, como em outras instituições, um lugar de disciplinamento e normatização que opera na intenção de padronizá-los no campo das suas experiências sexuais.

Nesta movimentação integram também o jogo de uma modelagem que ao pressionar as identidades dos jovens em relação as suas experiências postulam aquilo que eles devem ser e seguir. Conforme Louro (2004a: 27) a escola brasileira foi

---

<sup>3</sup> A metáfora constituída de *encruzilhadas* referem-se às angústias, pressões, curiosidades e descobertas dos jovens, implicadas a composição das suas identidades sexuais. Entendendo que na contemporaneidade ou pós-modernidade as identidades não é algo dado ou imutável mas construído, resultando em uma tradução dos diversos(*des*)encontros que produzem sentidos e significados nas relações. As encruzilhadas emergem ponto de encontros e desencontros, mas também ao início de qualquer caminho ou decisão ou escolhas. (HALL, 2005, p.13); (MARTINS, 2000, p. 64).

historicamente concebida e organizada segundo os padrões da heteronormatividade, valorizando e edificando como padrão um único componente, neste caso temos: o adulto, masculino, branco, heterossexual.

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004a: 27).

Segundo esta autora os estudos direcionados às relações de gênero, homossexuais, transgêneros, orientação sexual, métodos contraceptivos etc. se entrelaçam e envolvem todos os campos da vida. Assim, o aprofundamento da compreensão do papel sexual na construção do conhecimento na contemporaneidade abrange plurais situações e faz com que os indivíduos possam, através destas experiências sexuais, assumirem permanentemente identidades diversas em que, sob efeito de algumas instituições como a escola, são normatizadas pelo disciplinamento e ajustamento heteronormativo dos seus corpos, mentes e desejos.

Neste caso a família, a religião e outros seguimentos sociais dos nossos sujeitos da pesquisa constroem um ideal de representações sociais internas e externas aos contextos desses jovens, postulando o que eles devem ser ou aceitar.

Apesar das instituições escolares, religiosas, judiciais contribuírem para a dissipação desta condição e controle do poder, a instituição familiar também desempenha este papel por meio da imposição de desejos, discursos de valores desvinculados do diálogo e negociações entre os indivíduos, sobretudo com os jovens. Nesta perspectiva não há lugar para a soma das diferenças sociais, culturais, religiosas, étnicas, de gênero ou sexualidade sendo, portanto, constantemente negadas.

A atitude dos que compõem cada núcleo familiar ainda é de extrema importância nestas localidades. A menina deve se comportar como a sociedade (os vizinhos, amigos, o pastor/padre, sua turma) espera. Mas, se esse adolescente quiser ter um comportamento diferenciado, experimentar outro modo de ser, quais as implicações que essa atitude trará? São estas inquietações que estão inseridas no nosso objeto de estudo as quais tecem os primeiros fios condutores da pesquisa, pois a sexualidade se apresenta como uma característica importante na identidade dos adolescentes.

Tendo como partilha as bases teóricas que forneceram os primeiros suportes para o desdobramento da presente pesquisa passamos a apresentar o contexto que se insere nossa investigação. O lócus da pesquisa, o Centro Estadual de Educação Profissional Luiz Pinto de Carvalho, está situado em um bairro periférico na cidade de Salvador denominado de São Caetano. Este bairro compõe o conjunto dos núcleos habitacionais que concentram grande parte da população negra da cidade de Salvador.

A minha atuação como professora no Centro Estadual, possibilitou a proximidade com os adolescentes bem como o conhecimento de algumas de suas angústias e a organização do lugar onde a escola está inserida. A sociedade convive com novos arranjos familiares e com os diversos grupos religiosos. E o bairro apresenta, de maneira muito forte, como os papéis dos indivíduos nesta sociedade devem ser.

Há uma vigilância não só da família, em relação a esta conduta, mas também, dos vizinhos e de outros grupos. Estes regulam a conduta não só dos adolescentes, mas de todas as pessoas do núcleo familiar, sobretudo as do gênero feminino. Essa, talvez seja uma característica muito forte dos bairros periféricos de Salvador.

### **3.0 O percurso metodológico: *Os sujeitos, instrumentos e os dados dialogados na pesquisa.***

O aporte metodológico em desenvolvimento consiste na pesquisa qualitativa de abordagem participante Ludke e André (1986); Brandão (2001) tendo como recurso o uso da observação, André (2005) junto ao caderno de campo e o grupo focal com as aproximações de Gatti (2005). Estes instrumentos garantiram um lugar assegurado na análise dos dados “A observação participante e as entrevistas aprofundadas são os meios mais eficazes para que o pesquisador aproxime-se dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado” (ANDRÉ, 2005, p. 45).

Nesta primeira etapa da pesquisa tivemos a participação de oito adolescentes: quatro do gênero masculino e quatro do gênero feminino com faixa etária de 15 a 17 anos de idade.

Os nomes verdadeiros dos participantes da investigação não foram revelados a fim de resguardá-los conforme princípios éticos de toda pesquisa, assim mantemos nomes fictícios para identificá-los conforme suas posições e atividades por eles realizadas. Esta prática garantiu a privacidade e o caráter sigiloso das informações.

Após algumas observações e contatos prévios realizados com os adolescentes nos diversos momentos do cotidiano escolar, os mesmos foram convidados a participar das atividades do grupo focal. De início foram realizadas algumas conversas introdutórias a respeito da temática aventada com a apresentação dos objetivos da pesquisa em andamento explicando como seriam desenvolvidas as atividades.

As questões discutidas entre os jovens giraram em torno de quais informações que eles tinham acerca da sexualidade. Desse modo várias posições emergiram levando em consideração as experiências e conhecimentos dos adolescentes sobre a sexualidade.

Nas primeiras abordagens o grupo trouxe nas suas falas posições diversificadas sobre a sexualidade, correspondendo pontos bem divergentes sobre o que pensam ao seu respeito enquanto uma experiência humana. Por um lado a sexualidade é entendida de forma preconceituosa, limitada ao medo de contrair doenças sexualmente transmissíveis e informações sobre reprodução e relacionamento amoroso. Mas, também houve considerações que apontam um entendimento de sexualidade ligada ao relacionamento de casais heterossexuais e que envolvem companheirismo, sexo, amor etc.

É possível perceber que as diferentes posições que os adolescentes trazem estão atreladas as suas subjetividades, fruto da convivência com seus familiares e entre os seus colegas. Vejamos:

*É algo muito bom pelo que eu sei! E também é muito perigoso, pois se ã for com proteção é bastante perigoso! É uma coisa bastante legal; é um relacionamento entre homem e mulher que vão se envolvendo o clima vai esquentando e acaba em um grande relacionamento amoroso e sexo! (Nielly, 15 anos )*

*Eu penso que sexualidade é um assunto às vezes muito complicado de serem discutidas pelas pessoas da sociedade, escolas e até mesmo pelas famílias! (Agripino, 15 anos)*

*Eu entendo que sexualidade não é só sexo, também é higiene pessoal do seu corpo. Sexualidade tem vários conceitos, como gênero, sentimento e prazer. É o que eu acho. ( Bryant 16 anos)*

Mediante as posições dos adolescentes entendemos que não é mais possível ocultar ou descartar estas discussões no interior da escola. Bem como, oportunizando os jovens de falar o que sentem, sem amarras ou recriminações providas de um estado de vigilância. As suas falas demonstraram valores e informações interiorizadas a partir de suas vivências sociais na família, na escola e na comunidade.



As questões trazidas pelos adolescentes estão imbricadas com os seus contextos vividos e entre as mudanças sociais e a vivência pessoal e singular. A sexualidade vivida por eles também passa por um processo de transformação contínua, decorrente das relações humanas, valores, normas sociais vigentes e do conhecimento científico como pontua (Caridade, 1991, p.206) “plasmada pela linguagem e pelos valores vigentes nessa época.” Na sequência outros posicionamentos foram levantados pelos jovens acerca de tabus, preconceitos e relacionamentos e práticas sexuais. Vejamos:

*Hoje em dia é um dos assuntos mais presentes na vida de um adolescente! Pois o que se mais vê hoje em dia são adolescentes de 13,14 anos grávidas...! Não é? E esse assunto também desperta curiosidade! Para mim sexo é compartilhar uma certa intimidade com uma outra pessoa que você confie! Acontecendo assim um prazer de estar com a pessoa. (Sheine,16 anos)*

*Tudo que tem a ver com o ser humano, como a opção sexual do pessoa e se é homem ou mulher e tudo que ele (a) faz com o seu corpo.” (Habih 16 anos)*

*Ato entre um homem e uma mulher, tipo troca de carinhos, que também pode ser trocado ente mulheres com mulheres e homem com homem. Não tenho preconceito! Mais acho nojento mulheres com mulheres e homens com homens trocarem carícias (Lais\Pipokinha, 15 anos)*

*É um assunto que deve ser trabalhado em lugares específicos, como escola, faculdades. Enfim esse assunto pode ser trabalhado em todas as idades e é fundamental para o cuidado das pessoas. (Kratos, 17 anos)*

*É uma coisa que acontece entre um casal! (Paulo Ricardo 16 anos)*

Durante décadas a sexualidade foi interpretada unicamente pela biologia associada à reprodução ou aos órgãos genitais influenciando o comportamento dos indivíduos. Como um fenômeno contemporâneo e global a sexualidade envolve hoje outros departamentos da vida humana inserida nas palavras, nos sonhos, nas atividades sociais dialogando com o mundo. Desse modo, cada individuo a vivencia e interpreta a partir das várias influências que recebe ao longo da vida.

Algumas posições confusas a respeito dos sentimentos, práticas e conhecimento do seu corpo correspondente à sexualidade, são difundidas em diversas instituições mantidas pelas amaras e normas tradicionais do positivismo. Estas instituições são responsáveis em trazer mensagens que contribuem para produção de tabus, temores e preconceitos no que diz respeito ao corpo, aos sentimentos, aos valores e às práticas sexuais.

Estes processos em ocultar e omitir a sexualidade trazem conflitos, vergonha, culpa e dificuldade para a sua compreensão no comportamento de adultos e adolescentes. Nos depoimentos, os jovens revelam conhecer a sexualidade e a importância dela em suas vivências, mas, também trazem dúvidas, preconceitos, expressões de rejeições a outras identidades sexuais que convivem entre eles.

Alguns relatos espelharam que as informações, assim como as vivências dos jovens a respeito da identidade sexual se apresentam destituídas de padrões e preconceitos, mas por um lado estão contidas de um modelo patriarcal tradicional.

Posições relacionadas com a homossexualidade, doenças transmissíveis foram vistas de forma estereotipada, inseridas em um enquadre conceitual modelador e visões deterministas. Muitos destes discursos ou formas estereotipadas dos jovens entenderem as identidades sexuais dos outros, fazem parte do enquadramento discursivo, controlador de práticas sexuais da abordagem normativa institucional.

Com a distribuição de cartões coloridos os adolescentes esboçaram algumas posições de como compreendem a sexualidade, do ponto de vista da importância de se conhecerem. A abordagem das questões levantadas pelo grupo foi relacionada à autoestima, preconceitos e considerações sobre a gravidez na adolescência, sexualidade.

Diante das respostas do grupo destacamos a receptividade e interesse em se posicionarem em relação ao que pensam sobre o seu corpo, saúde, gravidez, dúvidas e curiosidades das suas identidades sexuais.

Sexualidade é um assunto que deve ser trabalhado  
em lugares específicos, como escola, faculdades. Enfim esse  
assunto pode ser trabalhado em todas as idades e é  
fundamental para o cuidado das pessoas

O que é eu acho que é sexualidade?  
É um assunto que fala sobre sexo, formas de como é-  
feito a forma que o adolescente ver. formas de pre-  
visão resumindo tudo que envolve o sexo entre as  
pessoas

### **Posições dos adolescentes sobre a sexualidade.**

Com base nas representações que os jovens trouxeram é possível refletir que, na contemporaneidade a urgência de se pensar uma educação sexual que faça parte do currículo escolar é uma necessidade urgente. Pois a mesma é uma realidade presente em todas as estâncias sociais. A sexualidade está expressa nas instituições escolares por que faz parte da vida dos sujeitos que nela estão inseridos. A sexualidade como uma construção social “fabrica” os sujeitos e está manifestada na infância, na adolescência, na vida adulta como também na terceira idade.

Essa presença da sexualidade [na escola] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1997, p. 81).

Desse modo a escola deve abordar a sexualidade comprometida com a vida dos sujeitos e não inserida numa visão limitada baseada em concepções hegemônicas reprodutoras das desigualdades. As representações de alguns componentes do grupo pesquisado estão calcadas na educação escolar cristalizada nos parâmetros hegemônicos de classificação binária de masculinidade e feminilidade. Mas, há também outras visões que demarcam diferentes vivências, expectativas e comportamentos em relação sexualidade. Vejamos:

LUNA  
15 ANOS  
SÃO CAETANO

EU ENTENDO ENTENDO POR SEXUALIDADE  
É QUE ELA REALMENTE NÃO TEM NADA  
A VER COM SEXO, MAS EU LITERALMENTE  
NÃO SEI DEFINIR COM PALAVRAS, MAS,  
EU ACHO QUE SEXUALIDADE TEM A VER  
COM A SUA VIDA PESSOAL. COM  
AS SUAS ESCOLHAS MEDIANTE A UM  
NAMORO, A FICAR, A CASAR É COMO QUE  
VOCE CONVERSA COM SUAS/SEUS AMI-  
GOS/AMIGAS.

#### **Posições dos adolescentes sobre a sexualidade.**

Nesta perspectiva, conforme o exposto acima, percebemos que o sexo, o gênero, o sentimento pelo outro, os desejos e as escolhas tecem a sexualidade. E esta como produto de interações com os outros. Assim, o mesmo ocorre com a etnia, a classe social, a religião que compõem as identidades culturais que “costuram” os sujeitos determinando sua interação social. Todas estas interações merecem serem discutidas no espaço escolar, compondo conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do jovem.

Neste contexto as discussões focadas na sexualidade no campo escolar deverão contemplar as diversas singularidades dos alunos respeitando os seus valores, sentimentos e princípios. O fazer pedagógico deve se ater a criar momentos de formações específicas com os professores possibilitando a trabalhar com essas questões.

#### **4.0 Algumas conclusões parciais: o diálogo que não se encerra, mas se reinicia.**

O trabalho em desenvolvimento vem oferecendo grandes resultados, pois é possível perceber nos primeiros contornos da pesquisa a emergência da escola com os seus educadores e educadoras perceberem que a sexualidade é responsável pela definição das identidades dos jovens. A realização de uma pesquisa no espaço escolar com os adolescentes permitiu entender/compreender o que eles pensam a respeito da sexualidade e como suas identidades sexuais interagem mediante aos seus contextos vividos.

As aprendizagens não-oficiais dos adolescentes em momentos dos intervalos ou na sala de aula, integram de forma explícita a troca de informações sobre sexualidade. A partir disto percebo a necessidade de continuar essa discussão tão presente no cotidiano das suas relações.

Não pretendemos esgotar todas as possibilidades de pensar sobre a emergência de tratar a sexualidade com o caráter pedagógico e instituída como uma disciplina específica obedecendo cada realidade escolar. Sendo imprescindível pensá-la como desafio educacional contemporâneo. Ao suscitar esta possibilidade sobre a educação sexual na escola, abre-se a também perspectivas de inaugurar lugares de fala até então sufocadas pelas normas da modernidade.

Partindo da premissa de que a escola é um lugar heterogêneo e dinâmico, a educação sexual neste espaço pode ser o ponto de partida para reconstrução de significados, desejos e prazeres e novos discursos.

Outro motivo que justifica a relevância deste estudo é a necessidade de ampliar essa discussão para a sociedade. Pois, o tratamento pedagógico dado à sexualidade tem que considerar as reproduções sociais elaboradas na escola baseadas na uniformidade e que merecem serem desconstruídas.

As reproduções de uma sociedade heteronormativa e que perpetuam relações de poder e subjugação de gêneros, se dão mediante o “silenciamento” destas questões nos âmbitos familiares e escolares. Construída historicamente pela sociedade, difundida na família e nas práticas religiosas, estas reproduções forjam uma realidade social que, mesmo sendo experienciada pelos sujeitos, negam os seus discursos, vivenciados nas suas relações consigo mesmo e com seus pares.

#### **4.0 REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Pesquisa participante 2**. Reimpressão. SP: Brasiliense, 2001.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. *Corpos que pesam*. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autêntica 1999.

CARIDADE, Amparo. **O adolescente e a sexualidade**. In. N. SCHOR, Maria S. F. Tabosa. Mota e CASTELO, Viviane (Orgs). *Cadernos, Juventude, Saúde e Desenvolvimento Brasília*: Ministério da Saúde, Secretária das políticas de saúde, 1999.p.206-212.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991. 5ª Edição.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. Universidade de São Paulo: FEUSP. Tese de doutorado, 2000. (mimeo)

COSTA, L. A. Fialho . **Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos**. In: HETKOWSKI, T. e DIAS, A.. (Org.). *Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. DF. Liber Livros, 2005.

GOMES, Carlos, ENNES, Marcelo (Orgs). **Identidades: teoria e prática**. São Cristovão: Editora UFS, 2008. 174 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro DP&A, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a (1. ed.:1997).

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs) **Afirmando diferenças: montando o quebra cabeça da diversidade na escola**. Campinas: Papirus, 2005. P. 13-26